

O Livro Raro na Biblioteconomia Brasileira: influências, impactos e delimitações dos discursos da Bibliofilia nas práticas profissionais e institucionais

Diná Marques Pereira Araújo
Mestre em Ciência da Informação
Bibliotecária Conservadora do Acervo de Obras Raras da UFMG
Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Doutorado)
Universidade Federal de Minas Gerais
dina-araujo@bu.ufmg.br

Fabício José Nascimento da Silveira
Doutor em Ciência da Informação
Professor Adjunto da Escola de Ciência da Informação - ECI
Universidade Federal de Minas Gerais
fabrisilveira@gmail.com

Introdução

Este texto apresenta parte dos resultados de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI/UFMG que teve como objetivo identificar e analisar as relações instituídas entre a Bibliofilia e a elaboração, no contexto do colecionismo *librario*, de Bibliografias de Livros Raros no século XVIII. Para além de desvelar os marcadores de sentido e os qualificadores acionados para se definir o conceito de raridade, busca-se, ainda, apreender como se dá o uso das Bibliografias de Livros pelo campo biblioteconômico brasileiro. Nesses termos, o texto se detém na apresentação dos aspectos histórico-culturais da Bibliofilia que são adotados como base para legitimar a nomeação de raridade difundida pelas pesquisas em Biblioteconomia no país.

1. O fenomeno biblifilico¹

A partir do século XVII um fenômeno social associado à formação de bibliotecas particulares tornou-se cada vez mais evidente, qual seja: “o nascimento e a organização progressiva de um campo autônomo na República das Letras, o campo do livro raro.” (VIARDOT, 1986, p. 584, tradução nossa)². Em consonância a esse fenômeno, o comércio *librario* presenciou um vertiginoso aumento em relação à demanda por bibliografias que não fossem apenas simples notícias de livros, mas que correspondessem a avaliações

¹ “Phénomène bibliophilique” é uma expressão recorrentemente usada por Viardot (2008).

² *l'émergence et l'organisation progressive d'un champ autonome dans la République des lettres, le champ du livre rare.*

sólidas e metódicas sobre certas obras, condição que, por sua vez, acentuou mais ainda a especialização de bibliógrafos e de livreiros no comércio da raridade.

Nesse mesmo cenário, o crescimento de grupos de colecionadores proporcionou, por sua vez, o desenvolvimento de publicações especializadas – as Bibliografias de Livros Raros (ARAÚJO, 2017) – que se constituíram em instrumentos de difusão e eixo central de uma estrutura singular e parcialmente autônoma do universo do livro, o “subsistema do livro raro” (VIARDOT, 1983, 1988). Um dos aspectos mais relevantes desse subsistema diz respeito à consolidação da formação de bibliotecas a partir de justificativas empíricas que condicionavam o livro enquanto raro. (SORDET, 2002). Nesse sentido, as Bibliografias de Livros raros podem ser compreendidas, dentre outros fatores, como fundamentais para a definição da raridade no século XVIII, na França e na Alemanha, por exemplo (ARAÚJO, 2017).

Respondendo a esses ensejos, dois acontecimentos marcantes do comércio do livro influenciaram e propiciaram o estabelecimento do conceito do livro raro: o primeiro deles vincula-se ao surgimento de um grande corpo de livreiros que se especializaram na comércio da raridade, sobretudo por meio de algumas corporações; e, em paralelo a isso, observa-se um acelerado movimento em torno da venda pública de grandes bibliotecas formadas nos séculos anteriores (VIARDOT, 1986, p.590) – as bibliotecas patrimoniais.

Vinculado a tais acontecimentos, o entendimento da raridade pelo conteúdo ou pelos aspectos materiais de um documento passou a alimentar, também, a disputa pela valoração de um livro em detrimento do outro. Isto porque, a valoração dos aspectos físicos do livro detalhadas nos catálogos visava, prioritariamente, o convencimento de colecionadores para a aquisição de algumas obras em detrimento de outras. Razão pela qual os livreiros passam a publicar, em vários países da Europa, bibliografias e catálogos de vendas com as indicações de raridade aos colecionadores que desejavam a posse dos livros enquanto objeto para distinção ou como instrumento de estudo. “O que equivale dizer que não se podia ser um bom livreiro sem uma boa base cultural” (BALSAMO, 1998, p.133-134). A partir dessa perspectiva, o cânon de documentos gráficos repertoriados em bibliografias para a Bibliofilia atendiam abordagens simultâneas, destacando-se:

a) A necessidade de formação de bibliotecas patrimoniais (reafirmada em Gabriel Naudé, em *Advis pour dresser une bibliotheque*);

b) O dialogo coerente com as modalidades de organização do conhecimento adotadas pelos responsáveis pela formação dessas bibliotecas: os bibliotecários;

c) A imposição do discurso da raridade a partir de um sistema comprovado de conhecimento que poderia ser demonstrado empiricamente.

Inserindo-se nesse debate, o livreiro Guillaume-François DeBure publicou, em 1755, um opúsculo intitulado *Musaeum Typographicum* (1755), no qual detalhava a raridade de um escasso número de livros (VIARDOT, 2008, p. 173; Varela-Orol, 2016), organizando sua seleta lista de cento e dez obras impressas entre 1457 e 1737, com a indicação dos devidos níveis de raridade. *Musaeum Typographicum* assinala, portanto, o início de uma intensa difusão de qualitativos da raridade bibliofílica, à qual atrelava ao adjetivo “raro” a superioridade sobre o próprio objeto. Como consequência, por vezes os bibliófilos se mostravam menos atentos à formação de uma coleção de livros para concentrarem esforços na formação de uma coleção de raridades (VIARDOT, 2008, p. 170-171). A publicação de *Bibliographie instructive* (1763-1768), concebida também por Guillaume-François DeBure, dentre várias que eram publicadas naquele período, comprova que as Bibliografias de Livros Raros se tornaram o território de avaliação e de indicação da raridade. O ponto fundamental a ser considerado, portanto, é que essas bibliografias passaram a delimitar o “domínio do colecionável” (VIARDOT, 2008, p.280, tradução nossa)³.

Na produção das Bibliografias de Livros Raros publicadas no século XVIII, destacam-se as publicações de Johannis Vogt (1695-1764), polímata alemão, teólogo, bibliógrafo, bibliófilo, pastor luterano da Catedral de Bremen, livreiro e membro da sociedade de livreiros alemães *Bibliophilorum*⁴. Vogt publicou, a partir do cotejamento a inúmeros catálogos de livreiros e por meio de trocas epistolares com comerciantes e colecionadores de diferentes regiões, seu *Catalogvs histórico-criticvs librorvm rariorvm* (1732)⁵ no qual apresenta – além dos livros para serem comercializados – uma seção denominada *Axiomata historico-critica de raritate librorvm*, um paratexto⁶ onde são apresentados os

³ *Domaine designe du collectionnable.*

⁴ Sociedade de livreiros dedicada ao comércio de livros para colecionadores em toda a Europa.

⁵ As edições seguintes do *Catalogvs* foram: 2ª (1738); 3ª (1747); 4ª (1753); 5ª (1767) e 6ª (1793).

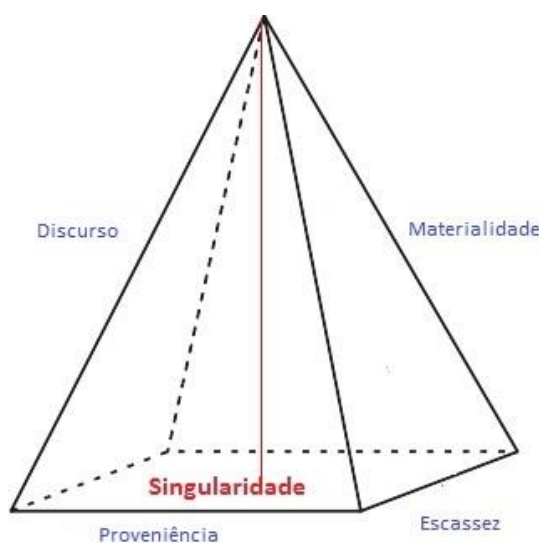
⁶ O “paratexto é um texto” que faz referência, que fala sobre e quer identificar o texto. É “um discurso fundamentalmente heterônomo, auxiliar, a serviço de outra coisa que constitui sua razão de ser: o texto. [...] um elemento de paratexto está sempre subordinado a “seu” texto, e essa funcionalidade determina o essencial de sua conduta e de sua existência.” Genette divide o paratexto em peritexto e epitexto. O peritexto é o paratexto material e espacial – “a capa, a página de rosto e seus anexos”, o formato, o papel, a composição tipográfica. O peritexto tem a responsabilidade principal de apresentar um livro. O epitexto refere-se aos anúncios publicitários e promocionais que envolvem a comercialização de um texto (GENETTE, 2009, p. 14, 17, 21, 303).

Chartier (1998, p. 41) aponta que os paratextos são os “textos que precedem e acompanham a obra propriamente dita”. Sintetizando a taxonomia de Genette, ele conclui: “o peritexto, que encontramos dentro do próprio livro (título, epígrafe, prefácio, prólogo do autor, comentários preliminares, notas, ilustrações

fundamentos compilados por ele para definir o livro raro, os quais foram estruturados em axiomas gerais e axiomas específicos. Como referencial para a construção de sua *Axiomata*, Vogt apresentava, a cada nova edição do *Catalogus*, as Bibliografias que comprovavam a consistência de seu axioma. Na primeira edição (1732) ele compilou o conceito de livro raro de 28 bibliografias. Na segunda edição (1738) foram 39 bibliografias. Para a terceira edição (1747) Vogt selecionou 69 bibliografias publicadas em 28 cidades da Europa entre os anos de 1700 a 1746.

A difusão e a aceitação do axioma da raridade no contexto do colecionismo *librario* fez com que, gradativamente, o conceito de livro raro passasse a ser demarcado simbólica, social e economicamente por meio de um sistema que determinava a raridade a partir de: a) níveis; b) elementos condicionantes (materialidade, escassez, proveniência, discurso); c) qualitativos; e d) da Teoria da Raridade (um livro só é raro se for procurado por um bibliófilo). Esse sistema pode ser sintetizado por meio da figura a seguir:

Figura 1 – *Qualitativos da raridade bibliofílica – elementos indissociáveis*



Fonte: ARAÚJO, 2017.

Dentre as muitas Bibliografias de Livros Raros do Setecentos, três são representativas quanto às manifestações do sistema axiológico da raridade em construção naquele momento, são elas:

- Clement (1750) em *Bibliothèque curieuse historique et critique, ou Catalogue raisonné de livres difficiles à trouver*;

etc.), e o epitexto, que se situa fora do livro em si (correspondência, diários e revistas, entrevistas etc.). (CHARTIER, 2014, p. 235).

- DeBure (1763) em *Bibliographie instructive ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers*; e
- Vogt (1732) em *Catalogvs histórico-criticus librorum rariorum*.

Na fase da pesquisa dedicada aos estudos do conceito de livro raro na Biblioteconomia brasileira foram exatamente essas três Bibliografias as mais citadas e utilizadas como parâmetros para se legitimar os qualificadores de raridade no âmbito das bibliotecas brasileiras. O resultado dessas análises será apresentado na seção seguinte.

2. Metodologia

Tendo por objetivo apreender as influências da raridade bibliofílica na Biblioteconomia brasileira, especificamente como parâmetro de seleção e para a formação de coleções bibliográficas especiais, realizou-se, em termos metodológicos, pesquisa exploratória, de base qualitativa, centrada em duas ações complementares, a saber:

- Revisão histórico-documental do conceito de livro raro na Bibliofilia; e
- Análises comparativas do conceito de livro raro formulado pela Bibliofilia do século XVIII com o conceito de raridade apropriado pela Biblioteconomia brasileira, por meio da interpretação dos discursos da produção acadêmica e técnica proveniente dessa área;

Quanto à seleção dos trabalhos analisados, foram definidas quatro tipologias/esferas de divulgação acadêmico-científicas prioritárias: periódicos científicos; congressos e fóruns de pesquisa e discussão; publicações em livros, capítulos de livros e manuais; e produção da pós-graduação (dissertações e teses).

3. Resultados

O mapeamento da produção em B & CI brasileira referente à temática “livro raro” teve como datas-limites o período constituído entre os anos de 1941 a 2015, perfazendo um total de 60 textos. No conjunto dessas publicações as categorias discursivas acionadas com maior frequência para se reportar ao conceito de livro raro foram:

- A história do livro raro no Brasil;
- Relatos de experiência institucional;
- A construção do conceito de livro raro; e
- Os critérios de raridade.

Essas categorias não ocorrem de forma isolada nos textos, estão, antes, mescladas entre si. De um modo geral, tais categorias compõem o núcleo das propostas de formação e de desenvolvimento de coleções bibliográficas especiais apresentadas nos textos analisado (aproximadamente 70% dos textos), os quais indicam como justificativa para suas ações referentes à questão da raridade a adesão às orientações difundidas pela Biblioteca Nacional brasileira e aos princípios apresentados por Ana Virgínia Pinheiro em seu livro “O que é livro raro” (1989).

Dos 60 textos identificados e estudados, 90% fazem referência às Bibliografias de Livros Raros e transcrevem (sem referenciar) os níveis, os elementos condicionantes e os qualitativos da raridade bibliofílica. Em linhas gerais é possível se assinalar que o uso da raridade da Bibliofilia repete-se nos textos como um círculo vicioso, a saber: em todas as categorias discursivas identificadas no que concerne às propostas de formação e de desenvolvimento de coleções bibliográficas especiais. Os textos também são repetitivos quanto às orientações de raridade apresentadas pela Biblioteca Nacional brasileira e, em especial, adotam a metodologia de definição de raridade proposta por Ana Virgínia Pinheiro, cuja obra constitui-se, certamente, como a maior influência nos estudos de raridade na Biblioteconomia brasileira. A própria autora reconhece a influência dos discursos da Bibliofilia em sua proposta metodologia para identificação de raridade. Contudo, apesar desse e de outros fatores, é possível considerarmos que o discurso da Bibliofilia não é questionado pelos autores que replicam a metodologia de Pinheiro (1989). Além disso, as repetições dos critérios de raridade validados no âmbito da Bibliofilia são feitas de modo acrítico e atemporal sem reflexões sobre os significados das determinações/construções socioculturais da raridade e de sua implicação nas instituições bibliográficas contemporâneas.

Considerações finais

A tentativa de romper um discurso circular e descontextualizado sobre o Livro Raro configurou-se como a motivação central de nossa pesquisa. Os desdobramentos produzidos a partir das análises aqui efetivadas visam contribuir para os estudos sobre a raridade na Biblioteconomia brasileira especialmente naquilo que concerne à adoção de Bibliografias de Livros Raros para a confirmação de raridade, em bibliotecas institucionais, tendo em vista que essa prática profissional-institucional é decisão que exige esforço de contextualização das questões histórico-culturais que envolvem a produção desses repertórios. A validação da raridade por meio da adoção dos critérios e atributos

consolidados nas Bibliografias de Livros Raros dos séculos XVIII, pode enevoar os significados e as dinâmicas de trabalho vinculadas à formação, organização e preservação do patrimônio em bibliotecas de caráter público caso esse não seja devidamente contextualizado e problematizado. Nesse sentido, a reverência ao império da raridade bibliofílica, enquanto conceito definidor de distinção para formação de acervos, exige a ampliação da discussão do livro para os campos da memória e do patrimônio.

Em face disso, conforme defendem Chartier (1998), Barbier (2008, 2015), Sordet (2002) e Viardot (2008), não se deve negligenciar que o livro raro é uma construção social, um fenômeno artificial criado no contexto da Bibliofilia. Razão pela qual a adoção desse “fenômeno” pela Biblioteconomia brasileira incita algumas questões: na atualidade o que justifica a adoção da raridade bibliofílica dos séculos XVIII e XIX nas bibliotecas destinadas ao acesso público? A adoção acrítica da raridade bibliofílica contribui para a exclusão de documentos que representam a memória bibliográfica da sociedade? Qual(is) memória(s) podem ser preservadas e quais podem ser apagadas quando se adota a raridade bibliofílica como critério para a formação de acervos bibliográficos públicos?

Finalmente, os estudos sobre o livro raro na Biblioteconomia brasileira, objeto dessa pesquisa, sinalizam para a necessidade de se adotar perspectivas e leituras reflexivas que privilegiem os significados do livro no contexto da memória e do patrimônio, para além das discussões técnicas de formação de acervos, deslocando, assim, o olhar para a importância formativa/educativa dessas coleções para a cidadania, movimento prático e discursivo que, por certo, exige constante reflexão sobre os significados da raridade.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Diná Marques Pereira. **Bibliofilia e Livros Raros na perspectiva histórico-cultural**: uma abordagem crítica às visões instituídas na Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira. 213f. 2017. (Dissertação). Mestrado em Ciência da Informação. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2017. (a)

BALSAMO, Luigi. **La bibliografía**: historia de una tradición. Espanha: Ediciones Trea, 1998.

BARBIER, Frédéric. **Historia de las bibliotecas**: de Alejandría a las bibliotecas virtuales. Buenos Aires: Ampersand, 2015. 462 p.

BARBIER, Frederic. **História do Livro**. São Paulo: Paulistana, 2008. 475 p.

CHARTIER, Roger; LEBRUN, Jean. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998. 159 p.

CLÉMENT, D. **Bibliothèque curieuse historique et critique ou catalogue raisonné de livres difficiles à trouver**. Göttingen, etc.: chez Jean Guillaume Schmid, 1750-1760.

DEBUDE. **Musaeum Typographicum...** [Paris: Chez Guillaume François De Bure], 1755.

DEBURE, G.-F. **Bibliographie instructive ou Traité de la connoissance des livres rares et singuliers...** A Paris: Chez Guillaume François De Bure, 1763-1768.

PINHEIRO, Ana Virginia Teixeira da Paz. **Que é livro raro?** Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1989.

SORDET, Yann. **Bibliophilie**. In: FOUCHÉ, Pascal; PÉCHOIN, Pascal; SHUWER, Philippe. (Dir.) **Dictionnaire encyclopédique du livre**. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 2002, v.1, p. 281-286.

VIARDOT, Jean. **Le livre rare**: collectionneurs et marchands spécialisés de Naudé à Nodier. **Bulletin du bibliophile**, n.2, 1983, p.157-173.

VIARDOT, Jean. **Livres rares et pratiques bibliophiliques**. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean. (Dir.) **Histoire de l'édition française: le livre triomphant 1660-1830**. Paris: Promodis, 1986. v.2, p. 583-614.

VIARDOT, Jean. **Naissance de la bibliophilie**: les cabinets de livres rares. In: JOLLY, C. **Histoire des bibliothèques françaises**. Paris: Promodis, 1988. t.2, p.269-289.

VIARDOT, Jean. **Un épisode du collectionnisme en fait de livre au XVIII^e siècle**: le Musaeum Typographicum ou le goût des raretés superlatives. **Littératures classiques**, 2008/2, n.66, p. 161-178.

VOGT, Johannis. **Catalogvs histórico-criticus librorum rariorum**: jam curis quartis recognitus et copiosa accessione ex symbolis et collatione bibliophilorum per Germaniam doctissimorum adauctus. Hamburgi: Sumtibus Christiani Heroldi, 1732.

VOGT, Johannis. **Catalogus historicocriticus librorum rariorum...** Hamburgi: Christiani Heroldi, 1747.

